

Percepção Do Ensino Superior Por Alunos Trabalhadores E Não-Trabalhadores

Daniel Kamlot

ESPM/RJ; EBAPE/FGV; PUC-Rio
E-mail: danielkamlot@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo compara-se a expectativa dos estudantes de Administração que ainda não trabalham com a percepção daqueles já empregados quanto à importância do ensino superior para suas vidas profissionais. Foi realizada uma pesquisa descritiva, com dados obtidos de questionários fechados, e cruzamentos dos dados, possibilitando uma análise do comportamento do público pesquisado. Conforme os resultados, quase um quarto dos alunos não-trabalhadores espera que muito do aprendizado obtido nas instituições de ensino superior seja útil na sua futura atuação profissional, enquanto que alunos trabalhadores percebem que isto não ocorre, tendo poucos deles referido que o aprendizado acadêmico seja aplicado na prática em grande magnitude.

Palavras-chave: Ensino superior. Trabalhadores. Estudantes. Atuação profissional.

Artigo submetido em 25/08/2015 e aprovado em 23/11/2015, após avaliação double blind review.

Perception Of Higher Education By Working And Non-Working Students

Daniel Kamlot

ESPM/RJ; EBAPE/FGV; PUC-Rio
E-mail: danielkamlot@yahoo.com.br

Abstract

We compare the expectations of Business Administration non-working students with the perception of those already employed on the importance of higher education for their professional lives. A descriptive research was performed, with data obtained from questionnaires, and also a crossing of the data, enabling an analysis of the public behavior. According to the results, almost one quarter of non-working students expect that much of what is learned in higher education will be useful in their future professional activities, while students who are currently working realize that this does not happen, having a few said that the learning is applied in practice.

Keywords: Higher Education. Workers. Students. Professional Performance.

Manuscript received on August 25, 2015 and approved on November 23, 2015, after three rounds of double blind review.

1 Introdução

Percebe-se, no contexto atual da educação no Brasil, um crescente número de alunos que, além de estudar em faculdades ou universidades, públicas ou privadas, também atuam como profissionais em empresas. É possível que o fato de um aluno atuar no mercado de trabalho tenha impacto em sua percepção sobre a qualidade do ensino, sobre os conhecimentos obtidos na instituição de ensino e na aplicação destes, além de também fornecer indícios sobre o futuro profissional e acadêmico do citado educando, que pode ser influenciado por uma prematura entrada no mercado, no sentido de eventualmente perceber a universidade como algo desnecessário, uma vez que ele já teria assegurado seu lugar no mercado de trabalho.

De acordo com dados do INEP (2013), existem 2391 instituições de ensino superior (IES) no país, sendo 87,4% delas instituições privadas e apenas 12,6% públicas. Destas, 4,4% são federais, 5,0% estaduais e 3,2% municipais. Apenas para comparação, seis anos antes (em 2007), havia 24.719 cursos presenciais oferecidos no Brasil e este número vem aumentando, contando com 32.049 de acordo com os últimos dados oficiais divulgados (INEP, 2013). Vem crescendo também a quantidade de alunos trabalhadores (Bertero, 2009), e muitas instituições de ensino superior alteram características em determinados cursos, a fim de atrair esse tipo de estudante para seus cursos. Tais características se referem, por exemplo, ao horário das disciplinas, que muitas vezes passam a ser oferecidas à noite, para que o estudante que passou o dia trabalhando possa cumprir seus créditos em horário que lhe seja conveniente e adequado.

Segundo Bertero (2009), é muito mais fácil obter uma melhor posição profissional quando se detém um diploma de curso superior. Mas será que os alunos que já trabalham consideram o ensino superior como algo realmente imprescindível à sua atuação no mercado, quando comparados àqueles que apenas estudam e não atuam ainda profissionalmente? Ou seja, com base na vivência e na experiência destes estudantes, qual a percepção dos diferentes tipos de alunos, considerando os que trabalham e aqueles que apenas estudam? A fim de analisar este questionamento, o presente artigo trata dos resultados obtidos em uma pesquisa de campo realizada com alunos de universidades privadas do Rio de Janeiro, matriculados nos cursos de Administração de Empresas, campo que mais possui cursos no país – 2113, conforme dados do INEP (2013) – e alunos matriculados – 800.114 no total (Rodrigues & Moreno, 2014) –, sendo ainda um dos que mais possuem alunos que, além de estudar, também trabalham.

A maior parte dos artigos sobre o presente tema foca nos docentes, ao realizar pesquisas direcionadas ao ambiente de ensino superior. Contudo, outros partícipes existem, e não podem ser negligenciados em uma análise que englobe a academia e suas peculiaridades. O presente trabalho, portanto, colabora com o estado da arte no sentido de abordar como pesquisados os alunos e suas percepções, ao invés de realizar uma análise exclusiva do corpo docente. Em particular para o campo da educação em Administração, a principal contribuição é percebida ao se identificarem as prioridades dos estudantes ao optarem por determinada IES – com maior relevância dada à obtenção de conhecimento, e não do diploma em si, como será exposto adiante. Ainda em relação à educação em Administração, nota-se que o estudo se mostra relevante por apontar, além das expectativas e prioridades dos discentes de Administração de Empresas, seu interesse em realizar cursos de pós-graduação visando ao futuro como administradores profissionais, o que sinaliza uma oportunidade de crescimento do campo do ensino da Administração, em especial para pessoas já formadas, em um futuro próximo.

2 Ensino no Brasil

Para compreender o contexto da educação superior no Brasil, é necessário avaliar dados e informações não apenas das instituições, mas dos próprios alunos.

Os números fornecidos pelo Censo da Educação Superior (INEP, 2013) indicam que existem 7.305.977 estudantes de ensino superior no Brasil, sendo a maioria (5.373.450 alunos, ou 73,5% do total) em instituições particulares. Há ainda 195 universidades no país, e 2016 faculdades, responsáveis, respectivamente, por 3.898.880 e 2.131.827 alunos, além dos 1.154.863 matriculados em centros universitários.

Observa-se um crescimento na quantidade de instituições de ensino e também na de cursos oferecidos, ao comparar o decênio compreendido no período entre 2003 e 2013, tendo havido um aumento de cursos disponibilizados – de 16.505 para 32.049, ou seja, 94,2% de aumento – e de matrículas – de 3.887.022 para 7.305.977, um aumento de 88% (Moreno & Fajardo, 2013; INEP, 2013). Tal aumento pode ser, ao menos em parte, explicado pela instauração do Plano Nacional de Educação (PNE) pelo Ministério da Educação (MEC), que apresenta 20 metas a serem cumpridas até o ano de 2024. Uma delas, a meta 12, se refere a “elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24

(vinte e quatro) anos (...)” (MEC, 2014). Detalhando o Plano, observa-se, dentre as estratégias prioritárias constituídas no PNE para o cumprimento dessa meta, alguns pontos que se destacam: “otimizar a capacidade instalada da estrutura física e de recursos humanos das instituições públicas de educação superior (...), de forma a ampliar e interiorizar o acesso à graduação”; “ampliar a oferta de vagas, por meio da expansão e interiorização da rede federal de educação superior (...)”; “ampliar as políticas de inclusão e de assistência estudantil”; “consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade estudantil e docente em cursos de graduação e pós-graduação”; “ampliar, no âmbito do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), e do Programa Universidade para Todos (PROUNI), os benefícios destinados à concessão de financiamento”; e “ampliar a participação proporcional de grupos historicamente desfavorecidos na educação superior”, entre outras medidas que possivelmente facilitam o ingresso de novos estudantes nas IES, bem como o surgimento de novas IES no país.

Enquanto o setor de educação passa por uma época de negociações e transações entre as instituições que dele fazem parte, pouco é dito a respeito da percepção dos consumidores das IES, ou seja, os alunos. Como a maior expansão no setor ocorre por responsabilidade, principalmente, dos estabelecimentos privados, muitos dos quais visando ao lucro e à satisfação que deve ser dada aos acionistas, a qualidade, do ponto de vista do corpo discente, nem sempre é colocada como prioridade. E a discussão a respeito da definição da qualidade deve levar em consideração a realidade de alunos, potenciais alunos, pais e professores, além de suas expectativas em relação aos resultados esperados de uma IES nas circunstâncias atuais. Nem todos os alunos cursam uma universidade por desejo, mas sim pela necessidade de obter um diploma, o que, no caso brasileiro, é algo de valor na vida de um profissional, como atesta uma pesquisa realizada pelo SEMESP – Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (2008, apud Almeida, 2009), que indica que após concluir o ensino superior, 72% das pessoas pesquisadas obtiveram aumento de salário e 69% mudaram de cargo, ou mesmo de empresa, no prazo de um ano. O mesmo estudo demonstrou que a grande maioria dos funcionários recém-formados (90% deles) e daqueles menores de 26 anos (93%) das organizações de grande porte de São Paulo é egressa de instituições particulares de ensino. Em termos práticos, observa-se coerência de tais resultados com o fato de que a educação superior pode ser a responsável pela obtenção de maiores salários por parte daqueles que a possuem, como indicado por Tavares & Menezes-Filho, (2008) e por Lemos et al. (2011). Ressalte-se que

alunos com formação em uma universidade de renome se mostram detentores de “um importante recurso de aumento do capital cultural e social” (Lemos et al., 2013).

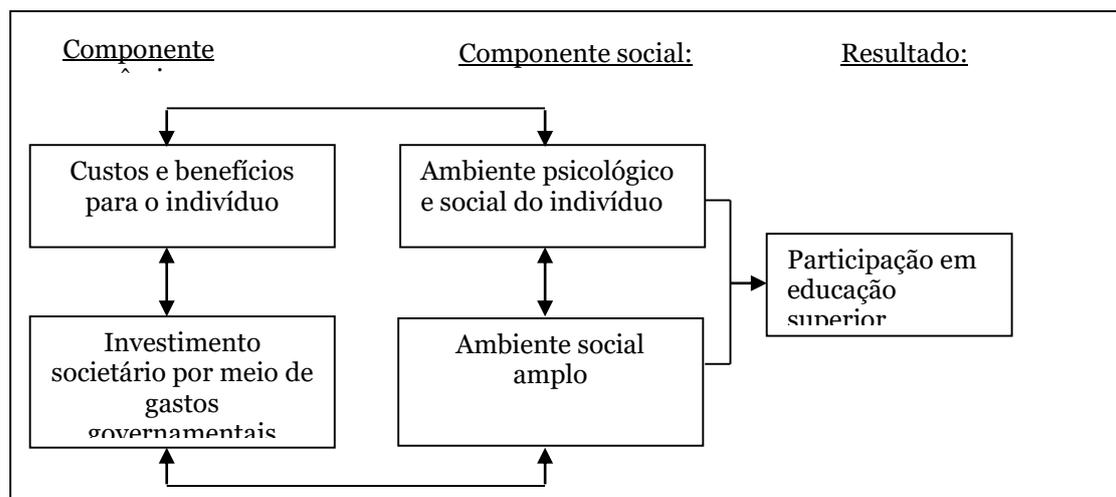
3 Percepção das IES

A instituição de ensino não consegue preparar profissionais com a polivalência necessária às necessidades de qualquer posição existente nas empresas atuais, até porque, se tal fato ocorresse, todas as empresas e seus funcionários seriam similares em termos de conhecimentos e aptidões (Lacombe, 2009). Mas os alunos muitas vezes parecem valorizar mais a prática existente nas atividades profissionais do que a teoria aprendida nas salas de aula, ainda que ambas possam ser consideradas complementares em várias ocasiões.

A participação na educação superior está relacionada a três aspectos: o demográfico, o social e o econômico (Stafford et al., 1984). É justamente no aspecto econômico que se enquadra a visão do “capital humano”, ou seja, o retorno social obtido com o investimento na educação – que seria responsável por elevar tanto a empregabilidade como a produtividade dos que possuem maior nível de educação, conforme Schultz (1967, apud Lemos et al., 2011). Pode-se entender a decisão de ingressar em um curso superior como uma decisão de investimento ou como uma decisão de consumo. Uma decisão de investimento presume que um indivíduo iria pagar por uma educação superior se o valor presente desta, traduzida em termos de benefícios sociais e econômicos, fosse superior ao custo da referida educação. Tais benefícios englobam a renda adicional proveniente do maior conhecimento obtido e as recompensas sociais e intelectuais que se espera receber a partir do investimento realizado. Já uma decisão de consumo está ligada à percepção imediata de valor advinda da educação, incluídas aí atividades sociais, intelectuais e até atléticas.

Assim, os fatores que interagem entre si e podem afetar a participação na educação superior, englobando os aspectos citados anteriormente, podem ser vislumbrados no modelo conceptual esquematizado na Figura 1:

Figura 1 - Fatores Interativos que Influenciam a Participação no Ensino Superior



A imagem da universidade, do ponto de vista dos estudantes, e a percepção dos alunos em relação à instituição de ensino não são estáticas ou imutáveis, e o componente cognitivo antecede o afetivo em relação às IES, como demonstrado por Palacio et al. (2002). Os autores indicam, ainda, que a imagem “corporativa” da IES tem um impacto considerável nas decisões dos estudantes atuais e potenciais ao optarem por ela, e nas atitudes de outros públicos, no que se refere a financiar a instituição em questão. Ou seja, a imagem da marca de uma empresa parece se aplicar também à realidade das instituições de ensino, uma vez que quanto mais apreciada for a instituição, maior a tendência a atrair novos alunos e reter os atuais.

Os autores citam ainda a dimensão da satisfação, a qual seria determinada por três principais fatores: (i) as expectativas dos alunos antes de adentrarem a universidade; (ii) os *ideais* que os alunos associam à universidade (ou ao ensino superior), conforme Cadotte et al. (1987), e (iii) as variáveis incluídas no componente cognitivo de satisfação. Assim, a ocorrência de satisfação, por parte do consumidor, em relação a uma empresa, ou do aluno, no caso das IES, deve ser analisada tendo em vista as expectativas prévias; se estas forem superadas, o aluno se sentirá mais satisfeito e se as expectativas não forem alcançadas, ocorrerá insatisfação.

É extremamente importante focar no valor percebido pelo aluno candidato a uma vaga em uma IES, uma vez que é baseado em seus valores que o aluno irá se referir àquilo que aprendeu na instituição onde estudou (Schmidt, 2002). Assim, torna-se imprescindível para uma IES compreender o que é valorizado pelo aluno ou potencial aluno e de que maneira oferecer tais insumos ao estudante. Deve-se, ainda, ter em mente que a educação

universitária não se refere apenas ao ensino, mas a itens referentes a experiências extracurriculares (Robbins, 2010).

Em pesquisa realizada com estudantes de ensino superior, foram identificados sete atributos que determinariam a escolha de uma IES por parte dos alunos (Joseph & Joseph, 1997). Os itens mais valorizados pelos universitários seriam a reputação da instituição e as oportunidades profissionais decorrentes do curso realizado. Isto faz sentido, uma vez que a má fama de uma instituição ou uma má avaliação a seu respeito impacta na percepção a respeito dos alunos oriundos de tal IES, e é bastante comum que os estudantes estejam preocupados em se colocar profissionalmente de forma a obter uma vantagem em relação aos seus concorrentes diretos, ou seja, alunos que, possivelmente, não alcançaram a mesma excelência no decorrer do curso superior frequentado.

4 Objetivos buscados com a educação superior

Em termos dos ideais que os estudantes possuem, pode-se dizer que são relevantes no sentido de medir sua satisfação com a IES em que estudaram e o quanto as instituições de ensino conseguiram auxiliar os alunos a atingir seus objetivos profissionais e acadêmicos. Neste contexto, vale analisar o conceito de credencialismo, que é a “busca de diplomas, e não de educação” (Bertero, 2009). Tal conceito é observado em diversas universidades brasileiras, em que se percebem alunos focando não no conteúdo do curso em si ou nas habilidades e conhecimentos aprendidos e obtidos no decorrer da permanência no curso, mas sim na simples obtenção do diploma, visando a um aumento de remuneração ou de hierarquia na organização onde trabalham devido ao “feito” de alcançar aquele certificado. A exemplificação de tal situação é feita por Bertero (2009), citando que administradores e engenheiros formados nas chamadas “instituições de primeira linha” recebem salários iniciais de R\$3.000,00 (bem acima da média nacional da época), indicando que “o mercado paga regamente aos que são apenas diplomados”. Diversos estudos comprovaram que a educação está relacionada à ampliação de variadas aptidões, do nível de autoconfiança e de eficácia profissional. Ressaltam ainda que a educação é incluída em virtualmente todos os estudos referentes a realizações na carreira profissional (Hurlay-Hanson et al., 2005). Há ainda alegações de que a educação traz efeitos positivos ao profissionalismo do indivíduo, ao comprometimento organizacional e ao desempenho como um todo (Harel & Baruch, 1993, apud Hurlay-Hanson et al., 2005). Além disso, quando estudantes universitários

conseguem se empregar no mercado de trabalho, ocorrem efeitos positivos de longo prazo (Geel & Backes-Gellner, 2012).

Oitenta por cento dos universitários brasileiros frequentam cursos noturnos e trabalham durante o resto do dia (Bertero, 2009). Assim, pode-se presumir que estes estudantes dividem o tempo de que dispõem entre os ambientes acadêmico e profissional. Alguns alunos dão maior atenção ao seu trabalho, por acreditarem que dele virá seu sustento no futuro, bem como sua possível ascensão profissional, enquanto outros dão maior ênfase à academia, por terem a noção de que quanto maior o conhecimento alcançado, maiores as possibilidades de crescimento profissional no longo prazo. Não há um consenso a este respeito, mas percebe-se que alguns universitários acreditam que um maior foco deve ser dado à vida profissional, sendo a vida acadêmica apenas um complemento, ao passo que outros creem que, uma vez estando matriculados em uma instituição de ensino superior, esta deve receber total atenção, sendo a vida profissional, durante esta época, um complemento aos ensinamentos obtidos na universidade.

Para Khalifa (2009), a universidade é o “local de pesquisa ativa do conhecimento e aprendizado”. O autor entende que a instituição de ensino superior oferece a seus alunos a oportunidade de se desenvolverem e de expandirem seus horizontes, em termos intelectuais, morais e cívicos, tornando-se membros mais atuantes na sociedade da qual fazem parte. Entretanto, para diversos alunos, a universidade nada mais é do que uma porta de entrada no mercado de trabalho. Por intermédio dela, muitos estudantes veem um modo de mostrar ao mercado que são mais preparados que outros profissionais, pelo fato de possuírem um “documento” – o diploma – que certifica que aquele indivíduo agora tem condições de sobressair na profissão escolhida. Seria como entender que, pelo fato de ter vencido o desafio de obter um diploma, o aluno *necessariamente* irá desempenhar de forma adequada e com propriedade as funções exigidas naquela área de atuação.

Mas será isto verdade? Ou será que nem sempre o fato de um diploma ter sido obtido garantirá que um bom profissional foi entregue ao mercado pela IES, ou, ainda, que o sentimento deste profissional em relação ao conteúdo recebido em seu curso superior é de ter em mãos algo com relevância prática?

O resultado das respostas a tais questionamentos está a seguir, com base na pesquisa de campo realizada com alunos de cursos superiores de Administração de Empresas.

5 Metodologia

Segundo a taxonomia proposta por Vergara (2009), a pesquisa realizada é do tipo exploratório e descritivo, quanto aos fins, por visar à exposição de como se comportam tipos diferentes de sujeitos, ou seja, os alunos em questão. Quanto aos meios, é uma pesquisa bibliográfica e de campo, sendo o tratamento dos dados quantitativo. Dentro da categoria da investigação quantitativa, pode-se também dizer que este estudo é do tipo descritivo, pois compreende situações em que o investigador pretende conhecer o fenômeno ou encontrar relações entre variáveis, mas não pode manipular as presumíveis causas, quaisquer que sejam os métodos de coleta e a análise do banco de dados (Creswell, 2007).

Para a pesquisa de campo, foi selecionada uma amostra de 160 indivíduos de ambos os sexos, idades entre 18 e 29 anos, todos estudantes de nível superior cursando um dos três últimos períodos do curso de Administração de Empresas de quatro instituições privadas da cidade do Rio de Janeiro, de estratos em que predominavam os alunos mais abastados, com base no Critério Brasil, que estima o poder de compra de famílias urbanas e pessoas, sem focar em “classes sociais”, mas sim em classes econômicas, medidas por intermédio de um sistema de pontos baseado no poder aquisitivo e nas posses dos indivíduos, e não somente em seus salários. A comprovação da conveniência deste critério se baseia na discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões geográficas, conforme a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2013).

As instituições onde a pesquisa foi realizada estão entre as que cobram as mais altas mensalidades na cidade, de acordo com dados do INEP (2013) e das próprias IES. Pode-se dizer que as instituições apresentam infraestrutura e perfil bastante semelhantes, diferindo principalmente na quantidade total de alunos. Entretanto, os perfis dos corpos discentes são assemelhados, em termos de conhecimentos obtidos em suas respectivas IES, tendo em vista que os planos de ensino abarcam, substancialmente, o mesmo conteúdo.

A coleta de dados referente à pesquisa de campo se deu da seguinte forma: em cada IES visitada, um grupo heterogêneo de alunos era selecionado aleatoriamente para responder às perguntas fechadas constantes de um questionário. Em seguida, eram separadas as respostas dadas pelos alunos que ainda não trabalham das obtidas com aqueles que atuam em alguma empresa ou instituição, independente do cargo ocupado. Assim, foi possível analisar a compreensão de cada grupo em relação aos ensinamentos recebidos na

IES frequentada e comparar as diferenças nas percepções, de acordo com a atuação profissional ou acadêmica exercida.

O questionário utilizado na pesquisa de campo estava segmentado conforme especificado a seguir:

- Perguntas de ordem demográfica, classe econômica, gênero e idade, visando identificar características dos respondentes. Note-se que o nível de instrução não era pesquisado pelo fato de todos os respondentes serem universitários.

- Perguntas sobre a área de atuação de cada respondente, em termos acadêmicos e profissionais, a fim de que fosse possível medir o sentimento de cada um em relação à IES onde estudam, ao valor agregado à vida profissional devido ao fato de frequentarem uma IES e às expectativas daqueles que ainda não trabalham em relação àquilo que a instituição onde estudam proporcionará quando entrarem no mercado de trabalho.

A seguir, foram realizados cruzamentos dos dados por meio da plataforma Qualtrics, para possibilitar uma análise descritiva do comportamento do público pesquisado. Tais cruzamentos contemplaram as expectativas e percepções por gênero e classes econômicas dos estudantes pesquisados, bem como as percepções por nível hierárquico e as expectativas em relação ao futuro dos alunos que trabalham e não trabalham, respectivamente. Outros cruzamentos relevantes dizem respeito à identificação da importância do curso superior para a vida profissional e à comparação entre a importância do diploma e dos conhecimentos obtidos para cada conjunto de alunos.

6 Resultados e discussão

Dos 160 indivíduos pesquisados, 93 (58%) eram do sexo masculino e 67 (42%) do sexo feminino. A idade média da amostra foi de 21,3 anos, sendo que os estudantes que trabalhavam apresentaram uma média etária pouco superior à daqueles que apenas estudavam (22,2 contra 20,4 anos), o que parece coerente com a realidade em questão, uma vez que quanto mais se aproximam do final do curso, maior a quantidade de alunos que adentram o mercado de trabalho. Em relação ao poder aquisitivo, percebe-se que a maior parte dos alunos provém das camadas mais abastadas, o que é coerente com a natureza das IES pesquisadas, todas particulares e com bom nome e reconhecimento no meio acadêmico. Espera-se que faculdades particulares atraíam pessoas com poder aquisitivo suficiente para arcar com as mensalidades cobradas (no caso, a média das mensalidades era de R\$1.682,54

por aluno). Nesta pesquisa, 64,4% dos estudantes pertenciam ao chamado topo da pirâmide, ou seja, às classes A1 e A2, e 27,5% às classes B1 e B2, de acordo com o Critério Brasil (ABEP, 2013). Dentre os estudantes pesquisados, 43% não trabalhavam, 41% eram estagiários, 7% especialistas, 4% se declaravam presidentes ou diretores, 3% assistentes e 2% gerentes das respectivas empresas. Testando a homogeneidade entre os grupos de alunos avaliados, observa-se que esta de fato ocorre, o que favorece a comparação entre os alunos que trabalham e os que apenas estudam, ao se confrontar a homogeneidade por classes econômicas ($t=0,04$; $p=0,484$) e por gênero ($t=1,129$; $p=0,130$), não rejeitando a hipótese de similaridade de classes e gênero.

Analisando apenas os alunos que além de estudar também trabalham, nota-se um predomínio de estagiários (70,7% do total daqueles que trabalham) e de atuação em empresas privadas (83,7% atuam neste tipo de organização). Apenas 7,6% indicaram trabalhar em empresas públicas, talvez pela dificuldade de acesso a elas ou pela necessidade de concurso muitas vezes necessária para compor o quadro de funcionários deste tipo de empresas, o que não ocorre nas instituições privadas, onde há maior flexibilidade. Alguns alunos (7,6% do total) são donos de seus próprios negócios e muito poucos (4,3%) ocupam cargos de gerência ou superiores.

Vale ressaltar que a maioria dos alunos pesquisados (57,5% deles) trabalha, ou seja, aparentemente, não são muitos os que pretendem seguir uma carreira acadêmica, visando a um mestrado *stricto sensu* ou doutorado, como será exposto mais adiante. A preferência parece recair numa atuação profissional futura no mercado formal de trabalho.

Iniciando a comparação das percepções entre os dois grupos estudados (alunos que estudam e trabalham e alunos que apenas estudam), e analisando os alunos que não trabalham, nota-se um certo equilíbrio nas expectativas. Ainda que nenhum aluno indique achar que o que aprende na IES não terá nenhuma utilidade, há 5,80% de indecisos, que não têm certeza do quanto tais conhecimentos auxiliarão na vida profissional futura. O percentual de estudantes que responderam esperar obter pouco valor do aprendizado recebido na IES é o mesmo daqueles que esperam que, independente do que aprenderem na prática, a aprendizagem no ensino superior ajude muito no trabalho futuro. Este percentual é de 23,19%, enquanto que 47,83% indicam que, numa futura atividade profissional, esperam obter do estudo tantas aptidões quanto do aprendizado na prática.

Os alunos que trabalham não percebem um grande auxílio do que foi aprendido na IES em relação às atividades desempenhadas nas empresas onde atuam. Poucos (4,40%) dizem

que os conhecimentos obtidos na IES não auxiliam em *nada* no cotidiano profissional, mas, na maioria, os alunos trabalhadores indicam que aquilo que obtiveram na universidade ou faculdade ajuda tanto quanto (opinião de 35,16% da amostra) ou menos (opinião de 43,96%) que os conhecimentos obtidos na prática, no desempenho de suas atividades no dia-a-dia. Somente 16,48% do total de alunos que trabalham indicaram perceber que o que foi ensinado na IES ajuda muito no desempenho das funções profissionais. O Quadro 1, a seguir, mostra um resumo destas opiniões, segmentadas por gênero e classe econômica dos respondentes (note-se que no Quadro 1 e nos demais, os dados em azul se referem aos percentuais das colunas, enquanto que os dados em vermelho se referem aos percentuais das linhas).

Percebe-se que, dentre os alunos que não trabalham, os homens se mostram mais otimistas que as mulheres em relação às expectativas sobre a utilidade daquilo que aprendem na IES onde estão matriculados, haja vista sua suposição de que o aprendizado no ensino superior os ajudará muito em seus trabalhos em proporção superior à das mulheres com tal opinião (11,83% contra 7,46%, respectivamente). Já a percepção das mulheres que trabalham indica que elas acham que o aprendizado foi insuficiente (resposta dada por 34,33% delas), indicando que este ajuda pouco no desempenho profissional e que a maior parte do que é necessário ao desempenho das funções ocorre na prática. Esta opinião é compartilhada por apenas 18,28% do público masculino.

Portanto, dentre os alunos que trabalham, as mulheres demonstram maior insatisfação com a aplicabilidade daquilo que foi aprendido nas IES em seus cotidianos profissionais. Considerando a participação cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho, seria interessante às IES atentar a este detalhe, uma vez que o que se deseja é justamente a aplicação do que foi aprendido no ambiente acadêmico nas atividades profissionais futuras, e caso haja alguma influência do gênero do profissional neste processo, deve ser observado e eventualmente trabalhado ou desenvolvido.

Analisando as respostas por nível hierárquico dos alunos trabalhadores, nota-se que 52,31% dos estagiários entendem que os conhecimentos obtidos no curso superior ajudam pouco em suas funções profissionais, citando que a maior parte do conhecimento ocorre mesmo na prática. Os especialistas têm opinião diferente, uma vez que a maioria destes (54,55%) indicou que o aprendizado acadêmico ajuda tanto quanto o que aprenderam na prática (conforme mostrado no Quadro 2), opinião partilhada pela maior parte dos gerentes que estão matriculados em alguma IES. Dentre os pesquisados identificados como

presidentes, CEOs ou donos de empresas, a opinião prevalecente foi de que os conhecimentos em questão auxiliam muito no trabalho (opinião de 66,67% dos pesquisados com este nível hierárquico). Esta diferenciação entre estagiários e pessoas de maior experiência quanto à aplicação dos conhecimentos pode ser fruto do fato de os estagiários terem o conhecimento necessário a certos afazeres de sua função, mas não saberem onde, ou como, aplicá-lo, o que é menos comum entre pessoas com cargos mais elevados e maior experiência profissional – ressalte-se aqui o reduzido número de respondentes nestes cargos, o que não permite uma conclusão definitiva na presente pesquisa.

Quadro 1 – Expectativas e Percepções por Gênero e Classe Econômica

Em vermelho: percentuais das linhas. Em azul: perc. das colunas		Gênero		Classe Econômica						Total:
		Masc.	Fem.	A1	A2	B1	B2	C1	C2	
Expectativa dos alunos que não estão trabalhando sobre os conhecimentos obtidos no curso em que estão matriculados para sua atuação profissional	Não ajudarão em nada no dia-a-dia profissional	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 0%
	Ajudarão pouco no trabalho, a maior parte do aprendizado e desempenho ocorre na prática	62,5% 10,8%	37,5% 9,0%	18,8% 5,8%	31,3% 9,8%	31,3% 15,2%	6,3% 9,1%	6,3% 9,1%	6,3% 50%	100% 23,2%
	Ajudarão no trabalho tanto quanto o aprendizado na prática	60,6% 21,5%	39,4% 19,4%	27,3% 17,3%	36,4% 23,5%	24,2% 24,2%	6,1% 18,2%	6,1% 18,2%	0% 0%	100% 47,8%
	Ajudarão muito no trabalho, independente do que for aprendido na prática	68,8% 11,8%	31,3% 7,5%	37,5% 11,5%	37,5% 11,8%	25,0% 12,1%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 23,2%
	Não têm opinião a esse respeito	50% 2,2%	50% 3,0%	25% 2,0%	25% 2,0%	25,0% 3,0%	25% 9,1%	0% 0%	0% 0%	100% 5,8%
	Percepção dos alunos que estão trabalhando sobre os conhecimentos obtidos no curso em que estão matriculados	Não ajudam em nada no dia-a-dia profissional	25% 1,1%	75% 4,5%	75% 5,8%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	25% 9,1%	0% 0%
Ajudam pouco no trabalho, a maior parte do desempenho profissional ocorre na prática		42,5% 18,3%	57,5% 34,3%	30,0% 23,1%	32,5% 25,5%	15,0% 18,2%	12,5% 45,5%	10% 36,4%	0% 0%	100% 44%
Ajudam no trabalho tanto quanto o que foi aprendido na prática		71,9% 24,7%	28,1% 13,4%	46,9% 28,9%	25% 15,7%	15,6% 15,2%	6,3% 18,2%	6,3% 18,2%	0% 0%	100% 35,2%
Ajudam muito no trabalho, independente do que se aprende na prática		60% 9,7%	40% 9,0%	20% 5,8%	40% 11,8%	26,7% 12,1%	0% 0%	6,7% 9,1%	6,7% 50%	100% 16,5%
Não têm opinião a esse respeito		0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 0%
Total:		58,1% 100%	41,9% 100%	32,5% 100%	31,9% 100%	20,6% 100%	6,9% 100%	6,9% 100%	1,3% 100%	100% 100%

Pesquisa de campo (2013)

Quadro 2 – Percepções por nível hierárquico e expectativas dos alunos que trabalham/não trabalham

Em vermelho: percentuais das linhas Em azul: percentuais das colunas		Nível Hierárquico na Instituição Onde Trabalha								Total:
		Esta- giário	Espe- cialist a	Ge- rent e	Sup- er- viso r	Dire- - tor	Pres- i- dent e	Ou- tro	Não trab- a- lha	
Expectativa dos alunos que não estão trabalhando atualmente sobre os conhecimentos obtidos no curso em que estão matriculados para sua atuação profissional	Não ajudarão em nada no dia-a-dia profissional	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 0%	100% 0%
	Ajudarão pouco no trabalho, a maior parte do aprendizado e desempenho ocorrerá com a prática	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 22,1%	100% 22,1%
	Ajudarão no trabalho tanto quanto o aprendizado na prática	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 48,5%	100% 48,5%
	Ajudarão muito no trabalho, independente do que for aprendido na prática	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 23,5%	100% 23,5%
	Não têm opinião	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 5,9%	100% 5,9%
Percepção dos alunos que estão trabalhando atualmente sobre os conhecimentos obtidos no curso em que estão matriculados	Não ajudam em nada no dia-a-dia profissional	50% 3,1%	25% 9,1%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	25% 20%	0% 0%	100% 4,4%
	Ajudam pouco no trabalho, a maior parte do desempenho profiss. ocorre na prática	85% 52,3%	7,50% 27,3%	2,50% 33,3%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	5% 40%	0% 0%	100% 44%
	Ajudam no trabalho tanto quanto o que foi aprendido na prática	59,4% 29,2%	18,8% 54,6%	6,3% 66,7%	0% 0%	9,4% 75%	3,1% 33,3%	3,1% 20%	0% 0%	100% 35,2%
	Ajudam muito no trabalho, independente do que se aprende na prática	60% 13,9%	6,7% 9,1%	0% 0%	6,7% 100%	6,7% 25%	13,3% 66,7%	6,7% 20%	0% 0%	100% 16,5%
	Não têm opinião	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	0% 0%	100% 0%

	Total:	40,6% 100%	6,9% 100%	1,9% 100%	0,6% 100%	2,5% 100%	1,9% 100%	3,1% 100%	42,5% 100%	100% 100%
--	---------------	---------------	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------	---------------	--------------

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

O público pesquisado foi solicitado a indicar quanto, em uma escala de 0 a 10, o ensino superior está sendo importante (no caso dos alunos que trabalham) ou será importante (na expectativa daqueles que apenas estudam). Percebe-se que o julgamento foi bastante similar, tendo os alunos que ainda não trabalham alcançado uma média pouco superior. No caso, os alunos que exclusivamente estudam tiveram média de 8,70, contra 8,42 daqueles que já estão atuando no mercado. Pode-se notar então que ambos os públicos valorizam bastante o retorno da educação superior, seja ele percebido ou esperado, sendo que as expectativas dos que não atuam profissionalmente foram levemente superiores à opinião baseada na experiência profissional de fato, como percebido no Quadro 3. Testando a hipótese de igualdade da percepção da importância do ensino superior, nota-se similaridade entre os que somente estudam e aqueles que também trabalham ($t=1,10$; $p=0,136$), ou seja, não se nota uma diferença significativa na avaliação feita por esses dois grupos de alunos.

Quadro 3 – Importância do curso superior para a vida profissional

Nota:	O quanto ter frequentado um curso superior está sendo importante para a vida profissional (dos alunos que estão trabalhando), ou o quanto esperam que seja importante (quando estiverem trabalhando) - Escala de 0 a 10											Média por grupo:
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Quantidade de notas dadas pelos alunos que não trabalham , para cada opção	0	0	0	0	0	2	1	9	16	17	24	8,70
Quantidade de notas dadas pelos alunos que trabalham , além de estudar, para cada opção	0	1	0	2	0	6	2	14	14	13	39	8,42

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Tendo em vista a importância do diploma e dos conhecimentos obtidos no curso frequentado, 5,80% dos alunos que não trabalham indicaram que a obtenção do diploma é um objetivo mais importante do que obter conhecimentos, enquanto que 34,78% dão mais importância à obtenção de conhecimentos, e a maioria dos alunos que não trabalham (59,42%) divide a mesma importância nos conhecimentos e no diploma. Com relação aos alunos que trabalham, 11,11% preferem o diploma aos conhecimentos, uma quantidade bem maior que a dos alunos que exclusivamente estudam. É possível que isto ocorra pela

necessidade sentida pelos profissionais de obter o “documento” que os credencie a alcançar cargos hierarquicamente superiores em suas respectivas empresas. Ainda analisando os alunos trabalhadores, 33,33% deles indicaram preferir os conhecimentos ao diploma, e 55,56% dão a mesma importância a ambos. Estes dados estão mostrados no Quadro 4:

Quadro 4 – Comparação entre a importância do diploma e dos conhecimentos obtidos

O que é mais importante para o estudante, dentre as opções abaixo:				
Em vermelho: percentuais das linhas Em azul: percentuais das colunas	É mais importante ter o diploma de curso superior do que os conhecimentos transmitidos ao longo do curso, pois com o diploma é possível ingressar com respaldo no mercado de trabalho	É mais importante obter os conhecimentos transmitidos ao longo do curso do que o diploma, pois darão um diferencial em relação aos outros funcionários	O diploma e os conhecimentos transmitidos ao longo do curso têm a mesma importância	Total:
Opinião dos alunos que hoje não estão trabalhando sobre a importância do diploma e dos conhecimentos obtidos na educação superior	5,80% 28,57%	34,78% 44,44%	59,42% 45,05%	100% 42,77%
Opinião dos alunos que hoje estão trabalhando sobre a importância do diploma e dos conhecimentos obtidos na educação superior	11,11% 71,43%	33,33% 55,56%	55,56% 54,95%	100% 57,23%
Total:	8,81% 100%	33,96% 100%	57,23% 100%	100% 100%

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Uma curiosidade diz respeito à visão de futuro dos alunos. Quando perguntados sobre o que pretendem para um futuro próximo, as respostas foram muito semelhantes. Quase todos têm a intenção de fazer uma pós-graduação com foco no mercado, como um MBA executivo ou mestrado profissional (opção escolhida por 82,61% dos estudantes que não trabalham e por 83,33% dos que trabalham). Uma minoria indicou pretender fazer uma pós-graduação *stricto sensu* com foco acadêmico, como um mestrado ou doutorado (opção de 10,14% dos que não trabalham e 11,11% dos que trabalham), e menos de 5% de ambos os

grupos indicam que não desejam voltar a estudar. Pode-se perceber com isto que todos os estudantes veem com bons olhos o estudo, mesmo após a formatura, ou seja, percebem a educação como um investimento para o futuro e dão a ela uma importância de vulto. Isto pode inclusive sinalizar para as IES um nicho de mercado onde atuar – os profissionais, formados ou não, que seriam componentes de um grupo interessado em manter o vínculo acadêmico, estejam eles atuando profissionalmente ou não. Tais resultados estão expostos no Quadro 5 e indicam uma oportunidade para as IES de aumentar seu corpo discente, atraindo ex-alunos que ingressaram no mercado de trabalho mas pretendem se manter em contato com o meio acadêmico após sua formatura.

Quadro 5 – Perspectivas dos alunos para o futuro

Em relação ao futuro, quais são as perspectivas do aluno:					
Em vermelho: percentuais das linhas Em azul: percentuais das colunas	Fazer pós-graduação focada no mercado, como um MBA executivo ou mestrado profissional	Fazer pós-graduação focada no meio acadêmico, como um mestrado <i>stricto sensu</i> ou doutorado	Crescer profissionalmente, mas sem voltar a estudar depois de formado	Outros	Total:
Perspectiva dos alunos que hoje não estão trabalhando sobre o futuro	82,61% 43,18%	10,14% 41,18%	4,35% 50,00%	2,90% 50,00%	100% 43,40%
Perspectiva dos alunos que hoje estão trabalhando sobre o futuro	83,33% 56,82%	11,11% 58,82%	3,33% 50,00%	2,22% 50,00%	100% 56,60%
Total:	83,02% 100%	10,69% 100%	3,77% 100%	2,52% 100%	100% 100%

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Avaliando todos os componentes da amostra pesquisada, sem diferenciar os alunos que trabalham dos que não trabalham, foi solicitado que indicassem suas prioridades nas instituições onde estudam, em ordem de importância, dentre quatro opções pré-estabelecidas. Tais opções foram definidas com base em Raposo & Alves (2007) e Camargos et al. (2008). Neste caso, a ordem de importância determinada foi, em primeiro lugar, a obtenção de conhecimento para utilizar na vida profissional, tendo sido citada como prioridade principal por 71,9% dos respondentes. Em seguida, a (segunda) prioridade mais citada foi a obtenção do diploma, com 44,4% das citações, e como terceira prioridade, a

opção foi por conhecer professores que pudessem ajudar o aluno no futuro (43,8%). A última prioridade enumerada foi a de fazer amigos e pessoas com interesses similares, citada por 45,0% da amostra como a de menor preferência (Quadro 6).

Quadro 6 – Ordem de prioridades ao optar por uma IES

Prioridades:	1^a	2^a	3^a	4^a
Obter conhecimento para utilizar na vida profissional	71,9%	22,5%	3,8%	1,9%
Conseguir se formar e obter o diploma	25,0%	44,4%	17,5%	13,1%
Fazer amigos e conhecer pessoas com interesses semelhantes	2,5%	17,5%	35,0%	45,0%
Conhecer professores que possam auxiliar no futuro	0,6%	15,6%	43,8%	40,0%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Percebe-se assim que, de fato, apesar de haver interesse pelo diploma e por tudo o que ele representa, a preocupação em adquirir conhecimento é prioritária à de obter o diploma, como motivador dos estudantes para ingressarem em uma IES, um resultado coerente com o anteriormente obtido e exposto no Quadro 4.

Ao serem perguntados se optariam por estudar ou trabalhar, tendo em vista um horizonte de dez anos e seu futuro como indivíduos, houve uma situação em que se vislumbra certa inércia, de acordo com os resultados da pesquisa: quem hoje não está trabalhando cita que optaria por estudar (resposta de 54,4% dos pesquisados, contra 45,6%, que optariam por trabalhar), ao passo que quem já trabalha em alguma empresa ou organização (total de 91 pessoas) preferiria trabalhar a estudar (opinião de 55,4%, contra 44,6% que optariam pelo estudo). Aparentemente, o fato de já estar trabalhando manteria o aluno com foco no mercado, enquanto que os atuais estudantes que não trabalham continuariam se dedicando à vida acadêmica, pensando nos benefícios que poderiam ter no futuro, advindos dessa escolha.

Quando a análise é feita por gênero, nota-se que a maioria das mulheres (61,19%) optaria por estudar, enquanto que a maioria dos homens (60,22%) daria preferência ao trabalho (Quadro 7). Não foi possível identificar alguma razão relacionada ao gênero dos indivíduos que explicasse tais preferências, então sugere-se aqui a realização de uma pesquisa futura para averiguar tais motivos.

Quadro 7 – Ordem de prioridades ao optar por uma IES

Em vermelho: percent. das linhas Em azul: percentuais das colunas		Opção entre trabalhar ou estudar, considerando um horizonte de 10 anos:		
		Trabalhar	Estudar	Total
Gênero	Masculino	60.22% 68.29%	39.78% 47.44%	100% 58.13%
	Feminino	38.81% 31.71%	61.19% 52.56%	100% 41.88%
Total		51.25% 100%	48.75% 100%	100% 100%

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

Avaliando a opinião geral dos respondentes em relação à importância que percebem por frequentarem uma IES, nota-se que quanto maior o valor dado ao ensino superior, maior a probabilidade de haver interesse em voltar ao ambiente acadêmico para cursar uma pós-graduação. Por exemplo, no caso dos estagiários, 56,9% daqueles que deram notas superiores a 8 para a importância da IES onde estudam (numa escala de 0 a 10) se mostram mais interessados em cursar uma pós-graduação do que aqueles que avaliaram com menores graus a relevância de terem frequentado o ensino superior. Entre aqueles que avaliaram a importância de cursar uma IES com notas entre 3 e 5, apenas 7,7% têm interesse em continuar os estudos após concluir a graduação. Dentre os especialistas, 81,9% deram notas acima de 7 para a importância de frequentar uma IES e todos estes pretendem realizar um curso de pós-graduação.

Dentre os alunos que não trabalham hoje em dia, 79,4% avaliaram com notas iguais ou acima de 7 a importância de cursar uma IES, e pretendem frequentar uma pós-graduação, ou seja, mesmo sem estar trabalhando, percebem a importância do estudo após a conclusão da graduação para seu futuro profissional ou acadêmico.

7 Considerações finais

Sintetizando o que foi obtido no presente estudo, é possível perceber que há diferenças entre os alunos do curso de Administração de Empresas que trabalham e aqueles que não trabalham, no que se refere à percepção sobre o ensino superior e às instituições em que estão matriculados. As principais diferenças observadas indicam que há uma expectativa distinta sobre o aprendizado e sua utilidade: enquanto que quase um quarto dos alunos não-trabalhadores espera que muito do aprendizado obtido nas IES seja útil na atuação

profissional, aqueles alunos que já trabalham indicam constatar que isto não ocorre, uma vez que poucos citaram perceber que de fato muito do aprendizado é aplicado na prática. Isto implica em uma sugestão de alteração de certas estratégias de ensino consideradas pelos alunos como pouco agregadoras de conhecimentos práticos, em particular nos cursos de Administração de Empresas nas IES cariocas, foco da presente pesquisa. Tais eventuais alterações podem ser entendidas como uma sugestão para futuras pesquisas, no sentido de identificar as melhores maneiras de atrair o aluno para as IES por meio de metodologias que envolvam aplicações práticas do que é ensinado, ou mesmo por intermédio de parcerias com empresas. Uma forma simples de reforçar a utilidade do que é aprendido nos cursos seria periodicamente pesquisar junto aos alunos que trabalham sua percepção a respeito da aplicação do que aprendem no seu ambiente de trabalho. É relevante lembrar que, sendo a maioria dos alunos trabalhadores composta de estagiários, decorre que supostamente ainda não possuem tanta experiência profissional quanto as pessoas inseridas há mais tempo no mercado de trabalho. Um aumento nessa experiência, mesmo que obtido dentro do ambiente acadêmico, pode valorizar aquele profissional no futuro.

Tanto os alunos que não trabalham quanto os que trabalham demonstram valorizar com alta intensidade o retorno da educação superior, seja ele percebido (pelos estudantes trabalhadores) ou apenas esperado (caso dos que ainda não atuam no mercado), havendo leve superioridade na percepção dos discentes que não trabalham. Apesar da pequena superioridade citada, esta pode ser devida a uma expectativa originada do pouco conhecimento sobre o ambiente profissional, o qual, uma vez experimentado, não corresponderia totalmente àquilo que se esperava encontrar, ou à expectativa dos alunos enquanto apenas estudavam e não tinham pleno conhecimento da atuação em um ambiente profissional.

Com relação ao que prezam em uma IES, a maioria dos alunos indica dar maior valor aos conhecimentos obtidos, e não apenas ao diploma, refutando assim o credencialismo anteriormente citado na teoria sobre o assunto (Bertero, 2009). Aqui se percebe uma colaboração à teoria, ao ter como pesquisados os alunos e suas percepções, e não os docentes, que em geral compõem o foco de pesquisas dessa natureza. Para a educação em Administração, ao se discernirem as prioridades indicadas pelos estudantes ao optarem por alguma IES, nota-se relevância ao se apontarem as expectativas e prevalências dos discentes estudados, além de seus interesses pósteros, o que pode indicar que o crescimento do

interesse em Administração tende a se manter em um futuro próximo, uma vez que se trata do curso com maior número de inscritos no país nos últimos anos (MEC, 2013).

Os alunos, ao analisarem suas respectivas situações futuras como indivíduos e como profissionais, corroboram uma diferença entre o valor dado ao estudo e ao trabalho: os alunos que não trabalham indicam que estudar é mais importante para alcançar um bom futuro – num prazo de 10 anos –, enquanto os estudantes que trabalham dão preferência à labuta em vez de ao estudo. Aqui cabe uma suposição relevante, a de que aqueles estudantes que ainda não possuem experiência profissional reforçam a importância de sua situação atual, ou seja, valorizam o fato de serem estudantes não-trabalhadores, o que lhes daria a possibilidade de adquirir conhecimentos para um futuro profissional mais bem constituído. O mesmo ocorre com os estudantes que já fazem parte do mercado de trabalho, dando maior valor ao fato de terem deixado o ambiente acadêmico, passando a fazer parte do mundo dos profissionais de Administração e áreas afins. Percebe-se que cada grupo valoriza a sua situação atual, ainda que não critiquem a situação do outro grupo. Possivelmente uma maior aproximação e integração entre as IES e as empresas possa dar uma visão mais ampla aos alunos não-trabalhadores sobre a realidade do mercado e dos profissionais que dele fazem parte.

Finalmente, ao avaliar a importância de investir seu tempo e esforço em uma IES, tanto os alunos que trabalham quanto os não-trabalhadores dão grande importância ao curso superior para a vida profissional, demonstrando que entendem o tempo e os recursos despendidos como um investimento, e não como um gasto ou despesa supérfluos. Em estudantes de Administração de Empresas em particular, esta percepção é relevante, uma vez que bons investimentos no longo prazo é algo que se espera de qualquer gestor, gerente ou administrador, e quando já há preocupação com o próprio futuro e com a própria situação profissional, pode-se identificar uma tendência de que a visão dos futuros administradores é coerente com o que se anseia deles.

Como limitações do estudo apresentado, deve ser ressaltado que, pelo fato da pesquisa realizada ter sido focada em instituições privadas do Rio de Janeiro, os resultados obtidos não podem ser entendidos como válidos para quaisquer instituições, haja vista a diversidade existente entre estudantes das diversas regiões do país. Contudo, os resultados apontam percepções e valores que se mostram relevantes para a percepção dos estudantes sobre o ensino superior em geral, comparando-se os trabalhadores e aqueles que ainda não atuam no mercado profissional.

Referências

- Almeida, E. Panorama do Ensino. *Revista GVExecutivo*, 8, 2009.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). *Critério Brasil 2013*. www.abep.org.
- Bertero, C. Agência Nacional de Educação. *Revista GVExecutivo*, 8, 2009.
- Cadotte, E.; Woodruff, R.; Jenkins, R. Expectations and Norms in Models of Consumer Satisfaction. *Journal of Marketing Research*, 24, 1987.
- Camargos, M. et al. Motivos da escolha, percepções e perspectivas de alunos do Curso de Administração de IES privadas de Minas. *E-Civitas*, 1, 2008.
- Creswell, J. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Geel, R.; Backes-Gellner, U. Earning While Learning: When and How Student Employment is Beneficial. *Labour*, 26, 2012.
- Hurlay-Hanson, A. et al. The Changing Role of Education on Managerial Career Attainment. *Personnel Review*, 34, 2005.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Sinopses Estatísticas da Educação Superior*, 2013. <http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>.
- Joseph, M.; Joseph, B. Service Quality in Education: a Student Perspective. *Quality Assurance in Education*, 5, 1997.
- Khalifa, A. Student-as-aspirant: Strategic Implications for Business Education. *European Business Review*, 21, 2009.
- Lacombe, B. Nova Escola, Velhos Alunos. *Revista GVExecutivo*, 8, 2009.
- Lemos, A.; Dubeux, V.; Pinto, M. Empregabilidade dos jovens administradores: uma questão meritocrática ou aristocrática? *Brazilian Business Review*, 8, 2011.
- Lemos, A.; Neves, D.; Rodrigues, P. Inserção de alunos bolsistas no mercado de trabalho: qual o valor do diploma universitário? *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 7, 2013.
- Ministério da Educação (MEC). *Projeto CNE/UNESCO 914BRZ1136.3: Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade*. 2013. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13948-produto-2-oferta-demanda-educ-superior-pdf-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192
- Ministério da Educação (MEC). *Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação*. MEC/SASE, 2014. http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf
- Moreno, A.; Fajardo, V. Número de matrículas no ensino superior cresce 81% em dez anos. *G1 Educação*. <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/10/numero-de-matriculas-no-ensino-superior-cresce-81-em-dez-anos.html>.
- Palacio, A.; Meneses, G.; Pérez, P. The Configuration of the University Image and its Relationship With the Satisfaction of Students. *Journal of Educational Administration*, 40, 2002.
- Raposo, M.; Alves, H. A model of university choice: an exploratory approach. *Munich Personal RePEc Archive*, Paper 5523, 2007. <http://mpira.ub.uni-muenchen.de/5523/>.
- Robbins, W. Learning with Hard Labour: University Students as Workers. *Australian Bulletin of Labour*, 36, 2010.
- Rodrigues, M.; Moreno, A. Matrículas no ensino superior sobem 3,8% e atingem 7,3 milhões de alunos. *G1 Educação*. <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/09/matriculas-no-ensino-superior-sobem-38-e-atingem-73-milhoes-de-alunos.html>
- Schmidt, R. A Student's Initial Perception of Value When Selecting a College: An Application of Value Added. *Quality Assurance in Education*, 10, 2002.

Stafford, K.; Lundstedt, S.; Lynn, A. Social and Economic Factors Affecting Participation in Higher Education. *The Journal of Higher Education*, 55, 1984.

Vergara, S. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2009.